



DANÇA CONTEMPORÂNEA: VIVÊNCIAS COM ARTISTAS NEGROS

VICTOR JULIO MARTINS DE FRANÇA¹; ANA CRISTINA RIBEIRO SILVA²

¹*Universidade Federal de Pelotas – victorfranca468@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – ana.cristina@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte de um trecho do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) realizado no ano de 2023 na graduação em Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Pelotas. Esta pesquisa busca compreender a expressão artística na dança contemporânea a partir da perspectiva do corpo masculino negro, da identidade negra e da definição da dança contemporânea.

De maneira geral a dança contemporânea é um conceito que não possui uma única técnica estabelecida, tendo uma abrangência que não delimita estilo, músicas, espaços e movimentos. “O contemporâneo na dança reflete uma visão particular de mundo e não se restringe a um único modo de composição no corpo e na cena” (XAVIER, 2011).

A negritude enquanto categoria sócio-histórica é uma identidade construída paralelamente à identidade brasileira plural. É a conscientização acerca da cultura negra e a valorização da mesma. “A negação da corporeidade negra no contexto colonial e imperial brasileiro persistiu no período pós abolição e se faz presente até hoje, fundamentalmente por meio do racismo e da desigualdade social” (CHAVES, 2021).

A pesquisa faz o ligamento da dança contemporânea, negritude e masculinidades negras a partir de uma entrevista entrevista com um artista local e rememorando as experiências do autor (eu, Victor) na residência com a Cia. Bill T. Jones/Arnie Zane Dance Company.

Para a fundamentação teórica do trabalho, utilizamos (CHAVES, 2021) para “Dança e Negritude”, (XAVIER, 2011) para dança contemporânea e (BARRETO) para “Masculinidades Negras”.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa utiliza procedimentos afrorreferenciados, com implicações epistemológicas, ativistas, política, ética, em busca de descolonização do próprio corpo e conhecimento. A estrutura do trabalho segue a metodologia oriunda da Filosofia africana delineada pelo Odus (MACHADO, 2019), que tem como conteúdos marcados pelos nossos caminhos, experiências e vivências. Também não dissocia a experiência de vivência de atuação política, ética, social e profissional. O Odus apresenta chaves de leituras e interpretações, instrumentos para produção de outros olhares sobre a história e cultura africana e afro-brasileira, trazendo consigo o deslocamento de sentidos, a memória, e do corpo como fios condutores dessa produção. Na metodologia afrorreferenciada foram desenvolvidos oito Odus, no entanto, neste trabalho, iremos transitar por apenas dois: Beleza e Transformação (Conclusões). A pesquisa ocorre nos âmbitos empírico e reflexivo, propõe a discussão das relações entre saberes

docentes e de artistas convidados, de maneira teórica e prática. Também utiliza-se da entrevista semi-estruturada. Outro procedimento utilizado foi a imersão-residência, onde em campo, observarei e participei de aulas e ensaios compreendendo todo o processo artístico de artistas negros durante o período da escrita do trabalho com a linguagem das artes como potencializadora da pesquisa científica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Discorrer a respeito do Odu da Beleza é uma tarefa complexa, ainda que seja um conceito fundante na minha trajetória nessa pesquisa. Falar deste Odu é falar da sensibilidade aspirando outros modos de vida na concepção do fazer ser/produzir/criar.

Nesta etapa da pesquisa vamos abordar os resultados da nossa pesquisa, conduzindo os dados coletados, investigações e explorações, analisando-os.

No mês de fevereiro e março de 2023, contactei um entrevistado negro atuante na cena da Dança Contemporânea em Pelotas. A entrevista foi realizada em junho de 2023 através de uma conversa guiada por quatro perguntas que nortearam a conversa. Segundo Navas (2019), essa obtenção de coleta se dá por “*fontes primárias*” visto que não receberam nenhum tratamento científico.

O convite para a participação da entrevista se deu pela minha proximidade com o artista e por consequentemente eu fazer aulas com ele. Diego Santos nasceu em 12 de abril de 1988, em Bagé (RS-Brasil). “Dii Santos” como é mais conhecido é um pesquisador, coreógrafo e bailarino do corpo e movimento negro contemporâneo. Ele atua como diretor da Cia. Bageense de Arte e Dança (CIBAD). Seu caminho marcado por um currículo imenso em dança, o consolida como um dos grandes nomes da região sul do RS. Ele foi o encarregado de trazer o 1º lugar na categoria de Danças Populares Brasileiras no maior festival de Dança do mundo (Festival de Dança de Joinville) no ano de 2022 com sua Cia de dança.

A partir da entrevista feita, pode-se constatar que através da dança contemporânea houve uma maior liberdade de expressão através da identidade da negritude ao se reconhecer como corpo preto no meio da dança. Conseguimos ver também que antes de chegar na dança contemporânea, o entrevistado estava imerso na dança hegemônica branca que estava em alta na década de 1990 e início dos anos 2000, a dança moderna. A começar do momento em que o entrevistado se reconhece como um corpo negro em meio a dança que é totalmente dominado pela branquitude, ele se percebe como um corpo que quebra o que é dito como “normalidade”, se vendo assim como um corpo que resiste em meio a opressão estruturada.

Seguindo a perspectiva afrocentrada que esse trabalho expõe, o entrevistado nos coloca que a dança tem um teor ancestral, que para ele, é um ato sagrado, que transcende a alma e o espírito.

Este corpo que por muitas vezes expõe o seu fazer artístico na sua vivência de ser negro e fazer negro, encontra dificuldades em meio ao “mercado” da dança por viver da arte e não encontrar saída ao que a branquitude ainda impõe. Neste meio, ele encontrou um modo de mesclar seu estilo de dança contemporânea ao que se é esperado, para ainda assim não abdicar do seu modo de expressão artística. Mesmo que ainda haja dificuldades, ele encontra nessa dança, a que

chamamos de dança contemporânea seu modo de produzir arte na sua Cia. e em suas aulas transpassando suas manifestações de atos políticos por ter em suas vivências o fato de ser um homem preto.

Na residência com a Bill T. Jones/Arnie Zane Dance Company, que foi feita por uma seleção de 25 pessoas dentre o Brasil todo para dançar com a Cia, tive o privilégio de ser escolhido como componente do espetáculo apresentado. O espetáculo “What Problem” explorava de forma profunda a tensão entre o sentimento de pertencimento a uma comunidade, os desafios do isolamento em tempos de divisão e a busca por redenção coletiva. A apresentação trouxe reflexões importantes sobre questões fundamentais como raça, sexualidade e lutas de classe. Teve como uma de suas inspirações o discurso de Martin Luther King Jr. intitulado “I Have a Dream”.

Nos ensaios da performance, existiam dez formas diferentes lugares na forma do infinito “8”. A forma 8 me remeteu a metodologia de Odus, utilizada neste trabalho, onde fala sobre como tudo é cílico e não tem um fim e sobre como está tudo conectado com o caminhar de ser/estar no mundo. Na parte final da obra havia uma parte muito forte e poderosa que se chamava “*i know*” (eu sei). Nessa parte encontravam-se dois microfones no centro onde cada participante em sua vez discorria uma frase com impacto político começando pelas palavras “eu sei”. Essa parte foi tão necessária pois falavam sobre anseios da comunidade que muitas vezes ficam escondidos no “eu” das pessoas. Minha frase foi: “Eu sei que meu cabelo não é feio!” Falando sobre isso, eu coloquei pra fora todo preconceito que sofri durante minha vida sobre o meu cabelo tanto fora como no mundo da dança.

O espetáculo também abordava como a história negra se tornou um item obrigatório nos Estados Unidos. Com sua voz, Bill discorria sobre como ainda na contemporaneidade a vida no negro é tristemente invalidada pelas algemas da segregação e pela discriminação. Ele acredita veemente na obra que construiu e nas palavras que proferia. Bill tem esperanças que chegará um dia todos os homens serão criados e tratados igualmente.

A cena que mais me marcou nesse espetáculo foi o nível baixo onde unidos e deitados, rolávamos de um lado para o outro cantando “1, 2, 3...” repetidamente e toda a movimentação era realizada na voz do próprio Bill T. Jones que recitava um texto escrito por ele mesmo onde dizia:

Seremos capazes de nos curar através dessa montanha de desespero... Uma música de esperança. Com essa fé, nós conseguiremos transformar as discórdias estridentes de nossa nação em um linda sinfonia de liberdade. Com essa fé nós seremos capazes de trabalharmos juntos, de rezar juntos, de lutar juntos, de ir para a cadeia juntos, de nos levantarmos por liberdade juntos. Sabendo que nós seremos livres um dia...(JONES, 2023)

4. CONCLUSÕES

O Odus de transformação implica no pensar/fazer desde a ética, pois a parte mais importante da ética é a coletividade. Essa ética é responsável pela manutenção e ampliação da liberdade, onde traz consigo junto a responsabilidade

do fazer e do transpassar conhecimento. A responsabilidade é o maior ato da política. A transformação desse conteúdo e a potencialização do mesmo.

No decorrer do estudo é possível confirmar que a dança contemporânea faz a ruptura de danças já existentes e dá mais liberdade de movimentação. A Dança Contemporânea consolidou-se como gênero que permitiu uma liberdade de expressão. Contudo, ao me aprofundar nos estudos, encontro algo que não era de meu conhecimento e tampouco conseguia refletir apenas no campo prático: a Dança Contemporânea Negra. Apesar de falarmos de toda essa liberdade que o contemporâneo nos dá, ainda seguimos numa visão eurocentrada desta dança, com trabalho e teóricos brancos. Por isso ressalto a importância do fazer negro na dança contemporânea e que através disso se cria um pesquisa artística que contemplam as vivências de corpos negros na dança. Saber disso é reconhecer e ampliar as fontes desta dança não se limitam só nos critérios eurocêntricos.

A partir das análises, entrevista e explorações comprova-se que o corpo negro que dança é um corpo político. Estar no âmbito da dança que é ainda muito permeado pela branquitude, faz com que se quebre barreiras de estereótipos e se consiga através da arte resistir aos preconceitos estabelecidos pela sociedade, o racismo.

Salienta-se a importância da metodologia escolhida para a construção da pesquisa e para alcançar os objetivos propostos por este trabalho e que pensar sobre a Dança Contemporânea Negra foi de tamanha relevância para entender as expressões artísticas desenvolvidas pelo corpo negro seja em nosso país ou fora dele e que se estabelece até os dias atuais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Aldeir de Oliveira. **MASCULINIDADE NEGRA E A COLONIZAÇÃO:** Ecos do passado no presente. Kwanissa, São Luís, v. 05, n. 12, p. 183-198, jan/jun, 2022.

CHAVES, Elisângela. **Negritude, identidade e dança.** Licer Belo Horizonte, v.24, n.4, dez/2021. DOI: <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2021.37724> 74.

MACHADO, Adilbênia Freire. **ODUS:** Filosofia Africana para uma metodologia afrorreferenciada. Voluntas, Santa Maria, v. 10, p. 03-25, set. 2019.

NAVAS, Cássia. **Entrevistar e Escrever:** procedimentos para palavras encarnadas de dança. Rev. Bras. Estud. Presença, Porto Alegre, v. 5, n. 3, p. 559-576, set./dez. 2015.

XAVIER, Jussara Janning. O QUE É DANÇA CONTEMPORÂNEA? Revista “O Teatro Transcede” do Departamento de Artes – CCE da FURB – ISSN 2236-6644 Blumenau, v. 16, n. 01, p. 35-48, 2011